

A Democracia na museologia

“Cultura será tudo o que o trabalho do homem, guiado por sua intuição, sua fantasia e sua inteligência, no sentido restrito de sua razão organizadora, foi capaz de acrescentar ao dado pela natureza à sua volta. Nesta significação são cultura a enxada, a Gioconda, o fio de cobre e Bach, e tanto é culto um filósofo como Espinosa ou um talento enciclopédico à Pico de Mirândola, como um abridor de valas ou um capataz de serviços; todo o homem é capaz de criação cultural e todos os domínios culturais estão certos se perfeitamente adaptados às condições de meio, aos fins em vista e às oportunidades ou recursos oferecidos.

A este juízo de facto, objectivo sem dúvida e científico, haveria de se juntar, creio eu, uma afirmação de valor; destruídas as barreiras que outras concepções de cultura podem levantar e efectivamente levantam entre os homens, é bom acentuar-se que a invenção ou utilização de um objecto cultural seriam anti-humanas se perseguissem exactamente o domínio de um homem sobre outro homem ou pusessem fronteiras entre as diferentes maneiras que podem ter os homens de ser humanos: toda a afirmação de si próprio que não inclua ou pressuponha a afirmação dos outros, o seu alargamento o mais possível e amplo, é inteiramente estéril e, porque não cultiva coisa alguma, nem pessoal nem alheia, indigna do nome de cultura: é um reforço de selvajaria, uma defesa consciente ou inconsciente de uma inferioridade sentida, um levantar de muro à volta de propriedade bem pequena quase sempre apesar das aparências ou dos propósitos; são incultos, da pior incultura, por mais que se julguem o contrario, os eruditos que consideram seus alunos parte da mobília da casa; ou os homens do mundo áspero e secos para a criadagem que tem o mau signo de os servir; ou os pensadores que, ao longo dos séculos passados, e talvez de alguns a vir, estão prontos, no meio de suas ciências, suas pedagogias ou seus regimes, a ter prisão aberta para quem lhes pense diferente” (Silva, 2001, pp. 341,342)